

Deus e Diabo na Terra Santa

Pentecostalismo brasileiro em Israel¹

MICHEL GHERMAN

Graduado em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Antropologia e doutorando em Estudos Judaicos na Universidade Hebraica de Jerusalém

RESUMO Neste artigo analisa-se o surgimento de igrejas praticantes do pentecostalismo brasileiro em Israel, visto como parte do processo de transnacionalização inerente aos movimentos pentecostais brasileiros. Israel representa um caso único na expansão de igrejas pentecostais brasileiras, uma vez que elas se veem como parte de uma missão evangelizadora da sociedade israelense, na qual a identidade brasileira se mostra tão importante quanto a identidade pentecostal. A análise da presença do pentecostalismo brasileiro em Israel possibilita pesquisar processos de adaptação de um movimento religioso cristão neste país, ao mesmo tempo em que oferece condições para o exame da presença de símbolos sionistas e judaicos nas igrejas evangélicas brasileiras, bem como de suas pretensas simpatias ideológicas pelo sionismo de imigração a Israel.

PALAVRAS-CHAVE Pentecostalismo brasileiro, sionismo, judaísmo, Israel.

ABSTRACT This article deals with the emergence of Brazilian Pentecostal churches in Israel, seen as a part of the trans-nationalization process inherent to Brazilian Pentecostal movement. Israel seems to be unique in the expansion of Brazilian Pentecostalism, because these churches see themselves as part of a mission of evangelization in Israeli society, where Brazilian identity is as important as the Pentecostal one. The analysis of the existence of Brazilian Pentecostal churches in Israel allows the research on the processes of religious adaptation of a Christian religious movement in this country. It also offers the means for the study of the presence of Zionist and Jewish symbols in the Brazilian Evangelical churches, as well as their pretended ideological sympathies to Zionist immigration to Israel.

KEYWORDS Religion, Brazilian Pentecostalism movement, Zionism, Judaism, Israel.

Encontrando os fiéis brasileiros em Israel: “fiéis brasileiros criando uma narrativa na Terra Santa”

A PARTIR DA DÉCADA DE 1990, A SOCIEDADE ISRAELENSE PASSA A SER TESTEMUNHA DO surgimento de um novo movimento religioso dentro das fronteiras do Estado de Israel, o pentecostalismo brasileiro. Vivendo em Israel desde 2002, comecei a perceber cada vez com mais frequência símbolos evangélicos em português nas ruas de Jerusalém e constatee a presença típica de fiéis circulando pelas ruas da cidade, não mais em grandes grupos de turistas, mas agora em pequenos grupos em supermercados, na feira, nos pontos de ônibus, em práticas típicas de habitantes da cidade e não de turistas de passagem.

A percepção destes novos movimentos que ocorrem no interior do Estado Judeu levou-me a reflexões relacionadas aos processos de aceitação e exclusão social de um grupo minoritário dentro de um Estado com relativa definição confessional e religiosa e grande

diversidade cultural. Se por um lado tais reflexões estão relacionadas a questões religiosas, por outro as referências políticas também são importantes, já que movimentos evangélicos frequentemente usam símbolos judaicos e sionistas e se postulam defensores do Estado de Israel e da causa sionista.

Paralelamente a questões religiosas e políticas, o estudo da formação de igrejas evangélicas em Israel aponta para possibilidades de reflexão acerca da consolidação de grupos religiosos em um mundo cada vez mais fragmentado e diversificado, como o caso da sociedade israelense dos anos 2000.

Igrejas pentecostais brasileiras em Israel

Existem duas igrejas pentecostais brasileiras funcionando hoje em dia em Israel. Ambas pertencem a uma fase específica do pentecostalismo brasileiro e possuem uma história institucional própria.

De acordo com alguns autores, o pentecostalismo brasileiro pode ser dividido em diferentes fases. Freston (1993, p. 14) e Mariano (1999, p. 28) apontam três “ondas” no desenvolvimento pentecostal no Brasil. Neste sentido, cada uma dessas “ondas” traz consigo perspectivas e inovações que transformam o cenário institucional das igrejas pentecostais.

A primeira fase, considerada como o Pentecostalismo Clássico, está marcada pelo isolamento e por uma demanda de ascetismo e renúncias materiais. Nesta primeira “onda” do pentecostalismo brasileiro, é dada grande importância ao dom de glossolalia (dom de falar em línguas) considerado como um segundo batismo, o batismo no Espírito Santo no pentecostalismo. A manifestação de tal dom vai ser de fundamental importância nas hierarquias dessas igrejas. Em Israel, a Congregação Cristã do Brasil pode ser considerada a representante dessa fase do pentecostalismo brasileiro.

A segunda “onda” do pentecostalismo, o Pente-

costalismo Neoclássico, tem como principal representante a Igreja do Evangelho Quadrangular. Nesta fase há uma ênfase maior no dom de curas divinas. Esta segunda etapa traz poucas inovações doutrinárias, mas acaba por influenciar profundamente as duas outras fases do pentecostalismo brasileiro. Hoje, em Israel, nenhuma das igrejas brasileiras existentes pode ser considerada representante desta fase do pentecostalismo brasileiro.

A terceira “onda”, a fase do Neopentecostalismo, traz uma série de inovações para o pentecostalismo brasileiro, como uma forte utilização da mídia de massa, emprego de elementos modernizadores² e fortes doses de encantamento e de ritos de exorcismo durante seus cultos. Em Israel, a Igreja Universal do Reino de Deus pode ser considerada representante dessa terceira “onda”.

É importante notar que essa tipologia não é excludente, e podem ser encontrados elementos de diferentes fases influenciando diferentes congregações e igrejas. Em Israel, onde estão presentes representantes da primeira e da terceira “onda” do Pentecostalismo Brasileiro (a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Universal do Reino de Deus), há uma constante migração de fiéis de uma igreja para outra, o que facilita ainda mais as mútuas influências entre as duas congregações.

A Congregação Cristã do Brasil (CCB) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tiveram desenvolvimento similar no seu estabelecimento no Estado de Israel³. A expansão do pentecostalismo brasileiro em Israel pode ser considerada parte de um processo capitaneado por diversas denominações pentecostais brasileiras, o “Expansionismo Transnacional do Pentecostalismo brasileiro” (ORO, 2004, p. 4). Nesse processo, diversas igrejas alcançaram outros países na América do Sul, do Norte e Europa, estabelecendo-se nesses territórios. Face à expansão do pentecostalismo brasileiro,

o Estado de Israel pode se considerado um dos lugares onde o movimento apareceu e até mesmo prosperou.

Ainda que seja em número reduzido, a presença do pentecostalismo brasileiro na Terra Santa não pode ser considerada de pouca importância. Aron, um dos fundadores da IURD em Yafo, explica alguns pontos que, ele crê, justificam a relevância da presença pentecostal em Israel. Ele diz:

Foi muito importante para o bispo Macedo, o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, abrir a IURD em Israel. Você pode ver, no belíssimo livro publicado em diversas línguas e países para comemorar o aniversário de 25 anos da Igreja, que o bispo Macedo afirma que se estabelecer em Israel foi um dos projetos mais importantes e audaciosos já feitos pela IURD.

A importância do pentecostalismo brasileiro em Israel pode ser explicada por diversos fatores simbólicos, teológicos, políticos e sociais. Simbolicamente, Israel é um elemento presente na atuação dessas igrejas já no Brasil, onde símbolos sionistas juntamente com alguns elementos da tradição judaica transformam tais igrejas em apoiadoras de Israel e sua identificação com a Terra Santa é fortemente sentida. Conceitos como “Terra Prometida” e “Povo Escolhido” são repetidos diversas vezes pelos pastores em sermões e rodas de oração. O Estado de Israel se torna assim um exemplo de bênção divina.

Nesta perspectiva, o “Povo de Israel” e o Estado de Israel passam por um processo de santificação dentro das igrejas pentecostais, o que pode explicar o grande número de fiéis brasileiros que vêm para Israel a cada ano e compram ou levam diversos objetos de volta para o Brasil. Utilizam-se estes objetos em ritos religiosos ou mesmo fora dos templos, em suas casas, dando a eles um tipo de

propriedade mágica.

A identidade judaica: produzindo fronteiras no pentecostalismo brasileiro

A figura do judeu é muito comum na narrativa pentecostal brasileira. A presença do judaísmo pode ser sentida nos cultos pentecostais através de palavras e canções em hebraico ou a partir de símbolos sionistas ou judaicos encontrados dentro das igrejas. Diferentemente de outros grupos cristãos brasileiros, que mantêm uma relativa distância de elementos judaicos ou do Estado de Israel, o pentecostalismo brasileiro transmite um sentimento de forte afinidade para com Israel. Esta afinidade traz resultados econômicos e políticos, como o vigoroso incremento de turismo do Brasil para Israel e o aparente apoio político dado a Israel pelos políticos das igrejas pentecostais.

Os fiéis pentecostais passam por uma conversão coletiva. Além da nova identidade do recém convertido, eles devem se tornar parte de um novo tipo de “nação”. Nessa nova identidade, o fiel convertido se aproxima da imagem dos judeus e de Israel. Cada convertido entende seu processo de conversão como uma mudança em sua biografia; esse “renascimento” preenche junto ao fiel uma nova etnicidade (RAMAGEN, 2001, p. 12), que dá ao recém-convertido uma nova impressão de poder. Além da força individual dada pela participação diária nos cultos, em uma dimensão coletiva, os fiéis brasileiros também se sentem mais fortes. De agora em diante, são parte do “Povo Escolhido”. Como diz Sonia Ramagen (2001, p. 18): “Ao se afiliarem ao ‘Estado de Israel’, as classes baixas da sociedade brasileira se identificam com o imaginário do ‘Reino de Israel’ do qual são sujeitos”.

Num processo similar, os fiéis pentecostais também convertem os judeus modernos e o moderno

Estado de Israel a uma perspectiva bíblica. Nesta dimensão, signos sionistas modernos e membros das comunidades judaicas brasileiras são entendidos, em uma perspectiva religiosa, como membros da mesma identidade pentecostal. Assim, o uso de objetos religiosos judaicos é visto como parte de um processo de “autoconversão e conversão do outro”.

Pentecostalismo brasileiro em Israel: fiéis construindo narrativas

As duas igrejas pentecostais brasileiras chegaram ao Estado de Israel durante um mesmo período. Conforme visto anteriormente, há fortes vínculos entre a realidade social, política e religiosa de Israel e o pentecostalismo brasileiro, o que transformou a chegada dessas igrejas à Terra Santa em um evento complexo e interconectado.

Para uma melhor compreensão da atuação do pentecostalismo brasileiro em Israel, é importante entender dois processos paralelos e específicos que determinaram o surgimento dessas igrejas neste país. Tais processos consistem na inauguração das igrejas em Israel e nas primeiras conversões de israelenses ao pentecostalismo brasileiro. Ambas as igrejas que operam em Israel, CCB e IURD, têm entre seus primeiros fiéis convertidos pessoas com identidades judaicas religiosas muito específicas.

É importante compreender a importância dos judeus convertidos nas igrejas pentecostais brasileiras em Israel. Para isso, analisarei o caso de dois judeus convertidos, que estão entre as primeiras pessoas a serem convertidas ao pentecostalismo em Israel. Em ambos os casos, eram judeus que acharam respostas para suas aflições no pentecostalismo brasileiro.

Aaron e Levy eram judeus religiosos, um tradicionalista e o outro ortodoxo, que moravam em Israel e estiveram muito envolvidos com os primei-

ros passos das igrejas pentecostais em Jerusalém e Tel Aviv. Aaron e Levy foram convertidos durante uma visita ao Brasil, onde tiveram seus primeiros contatos com o pentecostalismo brasileiro. Em ambos os casos suas *aliyot* (imigração para Israel) significavam importantes passos na consolidação de suas identidades judaicas.

Aaron, membro da Igreja Universal do Reino de Deus, conta sua história:

Somos uma família judaica com origens sacerdotais; somos parte da tribo dos Cohen. No Brasil, éramos parte da comunidade de Porto Alegre. Íamos às cerimônias da sinagoga, mas não conhecíamos o verdadeiro Messias. Quando eu completei 13 anos, recebi uma bolsa da Alyat Hanoar para estudar em Israel. Nesse momento eu iniciei a imigração da minha família para a Terra Santa.

É notória, nesse caso, a centralidade da definição judaica como parte de sua identidade pessoal. No trecho acima pode ser notada a tentativa de Aaron em ligar a “moderna identidade judaica” a uma identidade bíblica e clássica. Além de ser parte de uma “comunidade judaica” em Porto Alegre, onde ele frequentava a sinagoga, Aaron afirma que ele é parte de uma tradição sacerdotal, ligando-se à figura de Aaron, o irmão de Moisés.

Sua identificação com a tribo dos Cohen não é só ligada aos rituais oficiados no templo, mas é parte de uma identidade pentecostal diária que está presente dentro e fora da Igreja. A tradição sacerdotal de Aaron determina sua presença na Igreja, como se vê:

O fato de que eu era judeu e parte da tradição sacerdotal sempre esteve presente na Igreja. Na tradição pentecostal, a experiência da conversão transforma o fiel em uma espécie de profeta. Por

isso era importante para eles ter um Cohen na comunidade...

Como membro de outra Igreja Pentecostal, a CCB (Congregação Cristã do Brasil), Levy conta que sua *aliyah* já fazia parte de sua busca por Deus. Ele justifica sua imigração dizendo:

Mesmo sendo membro de um grupo Lubavitcher em São Paulo, eu decidi imigrar para Israel. Eu estava procurando por algo... eu acreditava que Israel era a Terra Santa para mim. Eu me casei e fui morar em Kfar Chabad. Nesse período fui abençoado por Deus e me tornei um homem muito rico.

É interessante assinalar que, no caso de Levy, não tive permissão de gravar as entrevistas. Ele explicou sua decisão através de uma profecia que ele recebeu alguns dias antes do nosso primeiro encontro. Nessa profecia ele entendeu que se tornaria um líder muito importante na CCB e por causa disso era um risco que gravassem suas entrevistas.

Levy e Aaron justificam a *aliyah* como o primeiro passo para suas conversões. Eles chegaram à Terra Santa em algum tipo de processo religioso. O processo se completou no ato da conversão. Aaron relata:

Depois da minha primeira visita a Israel, quando eu tinha 13 anos, visitei Israel por mais 25 vezes e finalmente decidi morar aqui. Algo me empurrava na direção de Israel, alguma missão que eu não sabia exatamente o que era.

Além do fato de ambos estarem de passagem no Brasil na ocasião de sua conversão, Levy e Aaron, que podem ser considerados dois dos pioneiros do pentecostalismo em Israel, também partilhavam uma situação econômica similar antes de suas

conversões. Aaron descreve que sua má situação financeira levou-o ao Brasil, onde teve seu encontro com o pentecostalismo:

Depois de alguns anos em Israel, eu estava em uma terrível situação econômica e voltei ao Brasil para encontrar respostas nos caminhos espirituais... conheci Jesus através de um programa de TV da Igreja Universal. Nesse programa, o pastor disse "Venha, venha, pois Jesus vai te ajudar". Então eu fui a uma das igrejas. Uma das primeiras perguntas que fiz foi: "Pastor, eu sou judeu. Quero me converter, mas estou assustado. Não acha que todo meu povo vai se virar contra mim?" Ele disse: "Se você fizer, vai se tornar o vencedor". Então eu me converti e muitas coisas boas aconteceram na minha vida.

Levy estava em uma séria crise econômica em Israel e por isso foi visitar sua família no Brasil. Lá ele encontrou algumas respostas para suas perguntas. Segundo ele:

Eu era um homem de negócios importante. Eu viajava todo mês para os Estados Unidos por causa do meu negócio. Um dia descobri que alguns dos meus sócios, também judeus chassídicos, tentavam causar minha bancarrota. Fiquei tão assustado e com tanta raiva que fui visitar minha família no Brasil. No Rio de Janeiro, enquanto esperava por um táxi, me deram o papel de uma igreja evangélica. Eu nem o aceitei, mas pude ver o nome da Igreja. Quando entrei no táxi, o motorista me deu o mesmo folheto da Igreja. Então me preocupei e pensei: "O que está acontecendo aqui?" Dias depois eu estava no outro lado da cidade e o mesmo homem deu-me o mesmo folheto. Foi então que decidi que deveria visitar a Igreja. Entrei no táxi. Você sabe o que o motorista perguntou? "Você vai à Igreja, não vai?" Eu disse: Aleluia! Quando cheguei na Igreja, obviamente tirei meu *kipá* e fiquei do lado da entrada. A Igreja estava cheia de fiéis. O pastor disse do púlpito:

“Ó Glória! Você veio! Nós estávamos esperando por você, mas era Jesus quem queria falar com você. Ele disse que você não pode acreditar nos homens de preto que usam chapéus. Eles te roubam, e vão te fazer um homem pobre”. Eu achei que ele falava comigo. Saí assustado, mas logo vi que o pastor falava a verdade.

Conversão na Terra Santa: pentecostalismo como parte de uma experiência judaica

Levy e Aaron, ambos nascidos no Brasil e atualmente vivendo em Israel, tiveram seus primeiros contatos com o pentecostalismo através de provas espirituais, que ocorreram coincidentemente no mesmo período de tempo. Outro ponto compartilhado por vários outros novos convertidos foi a fase difícil que cada um passou, ligada a problemas financeiros.

Em Jerusalém, Tel Aviv e outras cidades de Israel, há uma grande população de trabalhadores estrangeiros oriundos da América do Sul, legal ou ilegalmente estabelecidos. Alguns desses trabalhadores têm raízes religiosas nas igrejas pentecostais. Até a segunda metade dos anos 1990, a existência de poucos fiéis pentecostais não assegurava a efetiva fundação do pentecostalismo brasileiro em Israel. Até aquele período, existiram apenas algumas tentativas frustradas de fundar igrejas.

Aaron e Levy decidiram retornar para Israel e se envolveram na fundação de duas diferentes igrejas pentecostais. Aaron trouxe a ideia de fundar a Igreja Universal do Reino de Deus e Levy procurou insistentemente por qualquer igreja pentecostal quando voltou do Brasil.

Depois de seu retorno para Israel, Levy descobriu a existência de fiéis da CCB no país e iniciou seu processo de conversão. Ele conta:

Quando eu voltei para Israel, eu quis renovar minha carteira de motorista. Era um dia muito quente e eu procurava por um lugar para beber algo depois de terminar o que tinha que fazer. Fui a um bar e lá Deus me enviou a CCB como um presente. O homem que veio me servir a bebida disse: “Aqui está, meu irmão”. Eu olhei para ele e vi um pôster em português que dizia “Deus é Amor”. Conteí minha história para ele e começamos a chorar. Ele me disse: “Irmão, estamos abrindo uma Igreja perto daqui, você está convidado”. Desse momento em diante, a CCB se tornou minha casa; meu lar espiritual.

Levy explica sua escolha por se converter em uma igreja brasileira:

Está claro para mim que não escolhi Jesus, mas que ele me resgatou. Eu entendo que exista uma razão para que minha conversão tenha ocorrido no Brasil. Primeiro de tudo, a força da fé no Brasil é incrível. O tipo mais simples de pessoa que você encontra manifesta a força do Espírito Santo. [...] Você vê, por exemplo, que a palavra “ateu” quase não existe no Brasil. Eu tenho certeza que a segunda vinda de Jesus atingirá Israel como seu mais importante destino, mas também me é claro que a segunda vinda de Jesus virá do Brasil.

Levy não entende sua conversão como total ruptura com o judaísmo. Na verdade, ele a vê como parte de sua experiência judaica. E justifica:

Quando eu era um judeu chassídico, eu sempre recebia mensagens do Rebe Lubavitcher. Ele geralmente vinha em meus sonhos e me pedia para voltar para o caminho certo. Agora eu entendo, como um fiel judeu, qual é o caminho certo.

Levy tenta conectar algumas de suas experiências judaicas como judeu ortodoxo com sua conversão para o pentecostalismo brasileiro. Levy

era o único ex-judeu ortodoxo entre os fiéis da CCB no seu processo de fundação em Israel.

Inauguração do pentecostalismo brasileiro em Israel: profecias e símbolos espirituais

O processo de inauguração de ambas as igrejas pentecostais brasileiras em Israel segue estágios similares que são ligados a contatos espirituais específicos e determinados por decisões políticas e práticas. Nos dois casos, distintos personagens receberam, de maneira diferente, mensagens do Espírito Santo, que os ordenou a assumir a tarefa de abrir igrejas pentecostais brasileiras em Israel.

O primeiro brasileiro ligado à CCB em Israel foi o ancião Florestan, que foi tocado por uma mensagem do Espírito Santo. Florestan nunca morou em Israel, mas começou a vir ao país diversas vezes ao ano para ajudar no estabelecimento da Igreja. Florestan afirma que fundou a Igreja através de uma revelação que experimentou:

Eu estava em Israel como turista em 1991, pela primeira vez. Quando voltei para o Brasil, o Espírito Santo foi apresentado a mim e disse que eu deveria voltar para Israel e abrir uma Igreja. Eu pedi por mais provas e, durante um culto em Minas Gerais, um membro que eu não conhecia apontou para mim e disse: "Ouça a voz de Deus, vai para onde ela diz para você ir". Então eu decidi vir para Israel e iniciar a construção da Igreja.

Em relação à IURD, a primeira pessoa envolvida com sua fundação em Israel foi Aaron. Depois de se converter, percebeu que deveria trazer a Igreja para Israel. Quando lhe perguntei, disse que a ordem veio do Espírito Santo:

A Igreja Universal tinha se tornado meu lar espiritual. Eu ia a seus cultos duas vezes por dia,

todos os dias. Então Jesus começou a me guiar de volta para Israel. Ele disse que minha missão era de pregar a verdade para o meu amado povo da Terra Santa.

Os primeiros fiéis e convertidos se reuniam nas ruas ou em residências particulares. Como narra Florestan:

No início, os cultos eram nas ruas. O povo de Deus foi mandado para nós. Algumas pessoas ouviam a pregação nas ruas em português, se interessavam e depois queriam se converter. Deus glorioso, era uma fase maravilhosa!

O caso da IURD foi diferente. Ainda que Aaron não fosse membro oficial da Igreja, foi o primeiro fiel em Israel e fez grandes esforços para estabelecer uma Igreja. Veja-se:

Bem, eu voltei para Israel três meses após minha conversão, mas eu me sentia muito isolado, pois ninguém partilhava da fé de Jesus. Então eu escrevi para a Igreja e expliquei que era judeu, agora convertido, e que queria abrir uma igreja em Israel. Alguns meses depois recebi uma resposta do bispo, dizendo que se orgulhava da minha conversão e que eu teria o necessário para abrir uma Igreja Universal em Israel.

Depois de contatar a Igreja, Aaron se tornou o primeiro representante oficial da IURD em Israel, pois o bispo Macedo queria abrir uma Igreja no país. Nesse estágio, Aaron usou sua casa na cidade de Nestziona como o primeiro templo da Igreja na Terra Santa. Ele diz:

Era importante para que ele [*bispo Macedo*] abrisse a Igreja em Israel. Eu recebia os fundos através de uma agência de viagens em Tel Aviv e organizava os cultos em minha casa, em Nestzio-

na. Muitos fiéis tiveram seus primeiros encontros com a IURD na minha casa. Fiéis israelenses e brasileiros.

O primeiro estágio de desenvolvimento no tocante ao pentecostalismo brasileiro em Israel é sua base em revelações e signos do Espírito Santo, o que fez da fundação algo não-oficial. O segundo estágio, por sua vez, incorpora a intervenção oficial dos representantes das igrejas. Aqui, templos oficialmente substituíram casas e pregações nas ruas. As revelações do Espírito Santo determinaram quais investimentos os fiéis ou a Igreja deveriam fazer para desenvolver seus projetos locais.

A segunda fase da CCB em Israel se liga a outra revelação do Espírito Santo. Outro membro da igreja, chamado Índio, recebeu um tipo de profecia. Índio era um homem muito rico que morava no Rio de Janeiro. O ancião Florestan conheceu Índio e o resultado foi a peça fundamental no desenvolvimento da Igreja em Israel.

O contato de Índio com a CCB em Israel começou anos depois de sua conversão. Ele conta:

Eu estava viajando de uma reunião de negócios em São Paulo para minha casa no Rio. Não sei por que, nesse dia decidi ir para São Paulo de carro. Eu estava muito cansado e queria chegar no Rio o mais rápido possível. Comecei a ouvir vozes estranhas. Elas me pediram para parar e ouvir a voz de Deus. Eu não queria parar porque estava muito cansado, mas as vozes aumentaram. Elas se tornaram uma só, que me ordenou que abrisse a Bíblia. Eu tinha uma Bíblia no carro e, quando eu a abri, comecei a ler sobre a morte de Sarah e seu enterro em Hebron. A voz era muito alta e eu podia ouvir “Jerusalém”. Bom, eu ouvi, graças a Deus, e continuei viajando em direção ao Rio. Depois de alguns metros, a voz me mandou parar. Eu abri a Bíblia na passagem onde Lot recebe a visita dos dois anjos que anunciam a

destruição de Sodoma. Nesse ponto, eu entendi a mensagem. Eu tinha que construir uma igreja em Jerusalém, no caminho para Hebron, e mandar fiéis em pares, como os anjos que vieram para Lot, para manter o trabalho de Deus na Terra Santa. Glória a Deus! Eu não podia parar de pensar em como começar. Dias depois recebi a ligação de Florestan e começamos a trabalhar juntos.

Após manifestar seu dom profético, Índio alugou um apartamento em Jerusalém, onde os cultos começaram a acontecer de verdade. Eram conduzidos por um par de fiéis que eram enviados do Brasil em épocas diferentes. Enquanto isso, Florestan e Índio vinham a Israel para construir uma Igreja forte.

Ainda que tivesse cidadania israelense, fosse brasileiro, tivesse dons proféticos e falasse várias línguas, Levy não teve papel importante na construção da Igreja em Israel. Florestan preferiu enviar fiéis originais e confiáveis da congregação do Brasil.

Um processo similar ocorreu com a fundação da Igreja Universal em Israel. Era claro para Aaron que a vinda da IURD para Israel era um passo necessário; o grande líder da Igreja, bispo Macedo, concordou em ajudar Aaron monetária e legalmente. Durante os três primeiros anos, os cultos foram na casa de Aaron em Nestziona. Em 2003, o número de fiéis ultrapassou o que poderia ser suportado pela casa. Como diz,

Minha casa era muito pequena para tantas pessoas, então tivemos permissão de alugar uma casa em Tel Aviv. Ao fim de 2003, um novo bispo foi enviado do Brasil. Nessa época, os cultos ainda eram na minha casa, mas logo a Igreja foi inaugurada em uma bela casa em Tel Aviv. Ao contrário de outros prédios no mundo, esse era muito discreto. Tinha o coração clássico, que é símbolo da IURD, mas era pequeno. O bispo era um imigrante ilegal, assim como a Igreja, então

éramos muito preocupados com a situação.

A vinda de representantes oficiais para Israel se seguiu ao processo de fundação da Igreja. Apesar de seus esforços e da cidadania israelense, os membros oficiais tomaram o lugar de Aaron para construir a Igreja Universal em Israel:

O bispo Marcos me ligou do Brasil para saber das notícias em Israel. Me disse que estava estudando hebraico. Bom, depois da fundação da nova igreja em Yafo eu disse que estava orgulhoso de ser o primeiro obreiro da IURD em Israel. Ele me disse: “Você ainda não é obreiro da Igreja”. Depois do bispo, veio outro pastor. Eu notei que não tinha nenhuma função na estrutura da Igreja.

Como na CCB, o segundo estágio da IURD substituiu os fiéis locais por membros vindos do Brasil. Aaron ainda afirma que essas mudanças são sinais claros da importância da Igreja em Israel. Ele diz: “O alto salário do bispo e os altos custos com questões legais e aluguéis demonstram a grande importância da IURD de Israel”.

Em ambos os casos de igrejas pentecostais em Israel, o processo de inauguração pode ser dividido em três estágios. Conforme visto anteriormente, os dois primeiros estágios remetem a um período temporal específico da construção de cada Igreja na sociedade israelense. O primeiro estágio corresponde à chegada das igrejas em Israel e inclui os primeiros fiéis locais e os primeiros lugares de adoração. Nesse estágio, experiências espirituais têm importância fundamental.

O segundo estágio marca a transformação de estrutura orgânica para uma estrutura mais forte e estável. Aqui, os primeiros membros de cada igreja são enviados do Brasil para desenvolver suas respectivas congregações. Nesse estágio, os judeus convertidos locais gradualmente perdem sua

importância em cada Igreja e são substituídos por membros ativos vindos do Brasil para colaborar.

O terceiro estágio é o da transferência de cada Igreja para um espaço físico de culto maior, ou ao menos a intenção de se tornar uma importante instituição religiosa em Israel. Nesse estágio, os fiéis são parte de uma comunidade grande, que tem sólido contato com o Brasil. Este estágio é marcado pelos esforços de construir novos prédios em locais centrais, geralmente nas cidades mais importantes de Israel.

Os membros: judeus, árabes e cristãos se tornam pentecostais brasileiros em Israel

A posição do pesquisador nas igrejas pentecostais brasileiras em Israel é ainda mais complicada e restrita do que no Brasil. Além da perspectiva da neutralidade (um conceito não familiar entre os pentecostais brasileiros), que é uma característica da posição de observador, em Israel existem outras questões que fazem a coleta de informações ainda mais difícil. A identidade do pesquisador (nesse caso, judeu brasileiro) em Israel é verificada em sua primeira visita à Igreja a partir de perguntas como “Você é judeu?” e outras perguntas classificatórias.

O sentimento de isolamento experimentado pelos fiéis cristãos em Israel é muito importante para se compreender as primeiras reações de alguns fiéis face aos visitantes judeus nas igrejas pentecostais brasileiras. Outros crentes não veem, somente o pesquisador, mas qualquer judeu não convertido e até mesmo os judeus convertidos com suspeição. Existe um sentimento de contradição referente aos judeus que se converteram ao pentecostalismo em Israel. Por um lado, eles vão aos cultos e a outros programas sociais e são recebidos como membros plenos nas comunidades pentecostais, mas, por outro, muitas dúvidas pairam sobre eles. Os judeus,

principalmente os não-convertidos, são geralmente vistos como “estranhos” nas igrejas.

As suspeitas manifestadas pelos membros são menos ligadas às posições oficiais das igrejas pentecostais no Brasil do que à composição social das comunidades pentecostais brasileiras em Israel. Nelas, imigrantes ilegais sul-americanos e africanos convivem com imigrantes legais que receberam sua cidadania pela Lei do Retorno.

Em Israel, os membros judeus representam, para alguns fiéis, a maioria no Estado de Israel, o mesmo Estado que lhes nega a definição de Jesus Cristo como o Messias e não lhes garante a cidadania israelense. A identidade judaica de alguns membros pentecostais então assume uma posição assustadora que ameaça a paz intracomunitária.

No país, cerca de trezentos fiéis frequentam as Igrejas mencionadas, a CCB e a IURD. Essas pessoas podem ser divididas em três categorias sociais em relação com seu status legal em Israel: legais, ilegais e membros oficiais de igrejas brasileiras que vêm para Israel. Uma quarta categoria, de cidadãos israelenses nascidos em Israel, torna-se cada vez mais relevante. As posições de cada uma dessas categorias perante o Estado de Israel e os judeus são muito distintas e não raro criam conflitos dentro das igrejas.

Muitos dos imigrantes ilegais vêm para Israel procurando por trabalho e tentam manter as mesmas práticas religiosas que tinham no Brasil. Por causa de seus contatos com cidadãos e autoridades israelenses, eles manifestam uma posição antissemita. Nas palavras de um fiel:

Explique pra mim porque, porque deixamos os judeus virem para o Brasil? Eles compram prédios e bairros; fazem muito dinheiro por lá. Qual é o problema de nos deixar vir aqui, abrir nossa Igreja e fazer nosso trabalho?

Na fala de outro membro, são usados elementos clássicos de antissemitismo:

Aqui em Israel é muito comum que judeus não paguem salários para os empregados não-judeus. É sempre o mesmo; nós trabalhamos e os judeus não pagam. Você não percebe a escuridão nos olhos deles? Esse tipo de judeus nunca aceitarão Jesus, e são a maioria.

Diversos grupos que têm cidadania israelense formam a outra categoria, de imigrantes legais. Judeus, ou seus parentes, que fizeram *aliyah* da América Latina formam o principal desses grupos. Alguns deles já eram pentecostais em seus países de origem, enquanto outros se converteram em Israel. Há nas comunidades uma tensão aparente entre legais e ilegais. Um dos membros judeus conta: “Quando eu os ouço falando coisas ruins sobre judeus eu fico muito nervoso e peço, por favor, não se esqueçam que estão em Israel e que eu sou judeu também”.

Um membro que ouviu outro expressando seus sentimentos sobre os judeus disse: “Eu o ouvi falando [*outro fiel*] que ‘Eles [*judeus*] são porcos! Eles são imorais e impuros!’, e eu lhe disse ‘Você sabe onde está? Cuidado, pois eu também sou judeu!’”

As famílias de judeus convertidos também são parte da tensão entre judeus convertidos e não convertidos. É importante notar que são imigrantes legais que se casaram com judeus e receberam cidadania israelense. Por causa de sua cidadania, eles podem trabalhar e ter direitos sociais. Sua distinta situação econômica transforma-os em aliados dos judeus convertidos, fazendo-os reagir a comentários antissemitas. Esse foi o caso do seguinte membro, casado com uma fiel judia convertida:

Eu vi minha esposa chorando e perguntei a ela: “O que aconteceu?” Ela disse que veio à Igreja e ouviu membros fazendo piadas sobre judeus. Fui

reclamar com o bispo, ele me assegurou que não era a intenção dos fiéis. Tudo está bem agora.

Dois grupos ainda podem ser encontrados entre os imigrantes legais, os árabes israelenses e os membros oficiais das igrejas. Os primeiros constituem um diminuto grupo em ambas as igrejas. São muito ativos nas atividades das congregações, não demonstram interesse no status do Estado de Israel e não fazem comentários sobre a identidade judaica. Entre eles há um alto grau de manifestações do Espírito Santo, como exorcismos, o “falar em línguas” e/ou profecias. Geralmente nasceram no Brasil e vieram com suas famílias para morar em Israel ou nos territórios palestinos.

O outro grupo, os representantes oficiais da estrutura da Igreja, possuem diferentes características dos demais grupos. Na CCB, eles vêm de três em três meses, ficando em Israel por todo o período de três meses. Esses membros mostram grande solidariedade com os imigrantes ilegais.

A identidade brasileira (brasilidade) é um elemento muito importante, não somente na sociabilidade dos imigrantes, mas também para a religião. Membros das igrejas pentecostais brasileiras acreditam que a sociedade brasileira está em vias de um processo de revelação espiritual. Alguns fiéis veem o Brasil como a nova “Terra Prometida”, e o povo brasileiro como os novos profetas. Nas palavras de um membro da Igreja Universal:

Assim como o povo hebreu foram os profetas da Bíblia, o povo brasileiro é quem traz os novos profetas do hoje. Você não vê o que se passa no Brasil? Tem uma igreja nova todo dia! Em diversos países as pessoas rezam em português! Você não vê as pessoas rezando em português?! Aleluia, somos os novos profetas! Os novos profetas falam português!

O entendimento do Brasil como a nova nação de profetas e os brasileiros como o novo “Povo Escolhido” transforma os judeus convertidos em membros que passam por uma dupla conversão espiritual, primeiro ao pentecostalismo e depois à brasilidade. Em ambas as experiências de conversão, referências ao Povo Escolhido podem ser notadas. Segundo as palavras de Levy, num depoimento reproduzido acima: “Tenho certeza que a segunda vinda de Jesus é o destino maior de Israel, mas também me é claro que a segunda vinda de Jesus virá do Brasil”.

Através da sensação de “dupla conversão”, o judeu convertido experimenta a dimensão do “Povo Escolhido” e se sente quase como um profeta. A experiência traz alguma tensão dentro das igrejas, como pode ser visto na entrevista de um judeu convertido que frequenta cultos pentecostais:

É certo que a experiência do fiel não-judeu não é completa na nossa Igreja, pois são pessoas muito simples e ignorantes. É interessante Deus ter decidido começar Seu trabalho com pessoas tão ignorantes.

A importância de Israel para os imigrantes legais e ilegais é distinta. Para os imigrantes ilegais, morar em Israel é importante, estão certos de que é a Terra Santa, uma noção que geralmente era recebida em uma profecia juntamente com o mandamento para vir a Israel. Mas fica claro, ao falar-se com eles, que a vinda do Messias não está tão próxima:

Eu recebi o mandamento para vir para Jerusalém durante um culto. Eu não acreditei, então vim para o culto em outro lugar. O pastor então perguntou, “Alguém já comprou seu tiquete para Israel?” Então eu vi que era um real mandamento [...] você pode ver a brutalidade do judeu em Israel. Como eles gritam, como eles falam, eles ainda

não têm Jesus em seus corações. Ainda faltam anos para que Ele volte.

Por outro lado, alguns dos imigrantes legais (judeus e parentes) se conectam com Israel através do messianismo:

O que você acha que faço aqui? Você sabe que testes eu passei em Israel? Eu passei sete dias na praia, nas ruas, nas praças. Depois de sete dias eu me ajoelhei perante Adon Yehoshua, “Se é teu desejo que eu me assente em Israel, para seguir o que está escrito na Bíblia, então mude a minha vida como mudou a água em vinho. Você não é Deus? Eu não orei para um Deus de ferro ou um Deus morto, então me dê uma visão, pois não vim aqui só para sofrer”.

O membro que fez esta afirmação diz que está pronto para os últimos dias que estão chegando, tempos difíceis, que cairão sobre Israel:

Você sabe que os cavaleiros brancos estão aqui, eles vieram da Rússia. Estão aqui. Você não vê que tem tudo que querem? São os cavaleiros da morte que vêm do Norte. Tem tudo e não são judeus, somente alguns são. Vai acontecer que nem na Bíblia, eles dominarão Israel e marcarão nos judeus o número da Besta. Somente os marcados com o 666 virão para Israel. E o Estado não percebe isso. Não vai ser fácil. Vai ser uma grande tribulação pelo mundo. *Ein hehabel Adon Yehoshua, dhan ahalan* (começa a chorar) *ifalan fifalan...*

Continuou por três minutos falando em línguas. Outro membro da IURD viu a retirada de Gaza como outro sinal: “Israel não vai sair de Gaza. Está escrito na Bíblia. É proibido sair da Terra Santa, de qualquer pedaço. Deus vai mandar um sinal e Jesus voltará”.

É possível entender, em Jerusalém e Yafo, a

posição dos fiéis pentecostais brasileiros perante Israel depois de uma análise de suas origens e situação legal. Estas divisões de imigrantes legais e ilegais ou judeus convertidos e seus parentes e não judeus sempre causam conflitos dentro das igrejas, e poderão tornar-se ainda mais difíceis nos próximos passos do pentecostalismo brasileiro em Israel.

Satã é brasileiro

É comum, no Brasil, a opinião de que os evangélicos são “meramente outra versão da religião afro-brasileira” (LEHMAN, 1996, p. 143). No Brasil, a infiltração das entidades afro-brasileiras (a maioria da Umbanda e Candomblé) em igrejas evangélicas é considerada um perigo real. Tal preocupação é transportada para outros países (Israel, por exemplo), onde o pentecostalismo brasileiro é ativo. Em ambas as igrejas, a CCB e a IURD, existem constantes suspeitas sobre pessoas sob influências maléficas de entidades específicas. Essas preocupações podem ser vistas na frequente verificação da presença de “espíritos ruins” nas igrejas.

Algumas práticas sociais e outros rituais dentro das igrejas pentecostais em Israel reproduzem formas de “narrativas culturais” (BOTELHO, 2001, p. 28), originalmente encontradas nas igrejas pentecostais no Brasil. Essas narrativas têm uma linha discursiva que liga configurações brasileiras à sociedade israelense, onde permanências e rupturas influenciam as narrativas e práticas dos fiéis e pastores que vão aos cultos das igrejas.

A preocupação com “forças malignas” é uma característica do pentecostalismo brasileiro, que cria conflitos com outros grupos religiosos, principalmente as religiões afro-brasileiras. Estas forças, em Israel, têm as mesmas estratégias, modelos e personagens encontradas no Brasil. Nas palavras de um fiel:

Sabe, de vez em quando ele é o fiel mais crente, sabe muito sobre a Bíblia, chora durante os cultos [...] mas ele é o Exu, ou tem o Exu dentro dele. Bem, se ele é o Exu, temos que expeli-lo da Igreja. Se ele só estiver amarrado temos que tirar o Exu dele.

Os conceitos de Exu e ‘amarrado’ são muito comuns na narrativa pentecostal brasileira. O Exu é uma das entidades dos cultos afro-brasileiros entendidas como representação do Diabo, enquanto “amarrado” basicamente indica uma conexão com Satã. É interessante notar que no pentecostalismo o Diabo é sempre representado em termos religiosos afro-brasileiros; em outras palavras, até em Israel Satã é brasileiro.

Mais do que uma preocupação fora do lugar, o uso da representação brasileira de Satã é um sinal típico das igrejas transnacionais pentecostais. Para ilustrar tal preocupação com a influência das religiões afro-brasileiras na sociedade israelense, relato um encontro pessoal, que ocorreu durante meu processo de observação na CCB:

Depois de receber uma ligação de um Irmão da Congregação, no caminho para o *Seder de Pessach* [*Jantar Ritual de Pentecostes*], eu levei minha esposa para visitar a congregação, pois os irmãos queriam conhecê-la. Quando entramos na Igreja, o sorriso do Irmão que nos recebeu desapareceu. Sentamos do lado de fora e falamos muito, mas ele mal olhava para a minha esposa. Depois dos primeiros minutos de conversa, ele finalmente olhou para ela, continuou olhando fixamente e passou a dizer coisas estranhas. Ele começou a falar que ela tinha dois contratos e deveria cancelar um deles, pois não poderia servir a dois. Ele disse que Deus a aceitaria de volta. Depois de alguns minutos sem entendimento, notamos que ele falava do colar de minha esposa, que era muito similar a um colar usado nos rituais de Umbanda.

Em momentos de crise se vê claramente como elementos das religiões afro-brasileiras são usados como chaves interpretativas. Como nos terreiros de Umbanda, onde os conflitos entre os membros sempre têm um ponto inicial de acusação (MAGGIE, 2002, p. 33), o mesmo acontece no pentecostalismo brasileiro em Israel. As acusações são sempre ligadas com questões espirituais, nas quais as entidades estão envolvidas. Para ilustrar os conflitos, usarei dois casos distintos. O primeiro diz respeito à construção de um novo prédio da Igreja em Jerusalém, sendo importante lembrar o ato de construir um prédio em Israel como marcador de um novo estágio no pentecostalismo na Terra Santa, de “institucionalização da religião” (SWENSON, 1999, p. 14).

Este estágio trouxe vários conflitos para ambas as igrejas. Na CCB, o conflito foi fortemente sentido quando os grupos de imigrantes legais se confrontaram com os imigrantes ilegais e os representantes da igreja. Neste momento, o Estado não dá permissão para construir uma nova igreja e então Israel é visto por membros da Igreja como “o Estado Judaico que nega Cristo pela segunda vez”.

Algumas acusações ocorreram durante entrevistas e conversas informais. A assertiva de um entrevistado mostra como os fiéis veem os “Exus” e “Pombas Giras” como parte do conflito: “Você pode não conhecer todos eles, mas boa parte dos judeus aqui [*judens convertidos*] são Exus com máscaras de fiéis. Quem mais seria contra o desenvolvimento da CCB na Terra Santa? Só o Exu...”.

Outro membro vê algumas relações entre os membros como sinais da presença de Satã:

Você não viu que um dos homens que veio ajudar na construção tentou seduzir uma menina jovem? Seus pais não viam, então eu decidi me levantar no culto e falar que sabia da presença dos Exus e Pombas Giras entre nós. Eu também disse que

não temia, pois Jesus iria derrotá-los como Ele sempre faz. No dia seguinte, o homem escapou como um ladrão. Glória a Deus...

Outro caso ocorreu na IURD, em Yafo. Aqui também a Igreja passou por um processo de institucionalização. Durante esse processo, foi aberta uma livraria e alugado outro prédio para a abertura da Igreja. Os bispos decidiram converter alguns fiéis em “obreiros”, os quais iriam officiar os cultos. Eram parte de um grupo de imigrantes ilegais e ficava claro que estes novos “obreiros” se tornariam os próximos pastores. O grupo de imigrantes legais viu isso como traição.

Um membro da Igreja decidiu questionar o poder e a liderança do bispo na Igreja. Ao mesmo tempo, coincidentemente, iniciou uma relação romântica com uma menina brasileira, que era imigrante legal e igualmente da IURD. O bispo “retaliou”, não aceitando seu relacionamento e negando sua benção. Para se justificar, disse que acreditava que o fiel estava amarrado; só podia livrar-se do demônio passando por um processo de exorcismo e somente ao fim do processo ele seria aceito novamente na comunidade.

Um debate como esse, entre o jovem fiel e o bispo, tornou-se público. A congregação inteira sabia sobre cada passo de cada um dos dois. Quando o fiel se recusou a ser exorcizado, foi exilado da Igreja. Durante o conflito, o bispo explicou sua posição no púlpito:

Mais do que Israel, a Universal se prepara para Jerusalém, e em Jerusalém vamos comprar algo, não só algo, mas um prédio grande, pois Jerusalém é um símbolo e temos que nos preparar. Como nos preparamos? Se vou para um encontro importante, tenho que estar pronto em diversos aspectos. Temos que estar prontos espiritualmente e financeiramente. Eu não vou sujo para

um encontro, tenho que estar limpo. Estamos limpando a Igreja e acima disso, limpando a comunidade. O Exu não vai vencer porque já o derrotamos. Estamos limpos, amém.

Como se vê, o pentecostalismo em Israel importa diversos elementos da cultura brasileira. As religiões afro-brasileiras são importadas para ter a função do inimigo. Há um processo de deslocamento da cultura brasileira para a sociedade israelense, que pode ser visto claramente nas disputas internas do pentecostalismo brasileiro.

Conclusão

Este trabalho aborda dois fenômenos paralelos que marcam a migração das igrejas pentecostais brasileiras a Israel nas últimas duas décadas. De um lado, elas têm fortes permanências em relação ao pentecostalismo brasileiro e são conectadas por laços sociais e culturais com os signos praticados no Brasil, mas, de outro, buscam expandir-se na sociedade israelense, abandonando o espectro limitado dos imigrantes cristãos latino-americanos.

Diferentemente de outras igrejas latino-americanas em Israel, estas tentam desenvolver uma cultura pentecostal autônoma. Nesse processo, a Igreja tende a passar uma identificação primordial com o sionismo somente para ser aceita como parte legítima da sociedade israelense. Na verdade, o processo cultural legitimador aponta para o entendimento da sociedade israelense como sendo multicultural, onde os pentecostais brasileiros seriam vistos como israelenses que defendem Israel, acreditam na santificação e são cristãos.

Duas perspectivas podem ser notadas com os resultados de tais contatos sionistas-brasileiros-pentecostais com o Estado de Israel e a sociedade israelense. O primeiro é a desconstrução das posi-

ções pró-sionistas originais. Depois dos primeiros contatos, uma reação radical é sentida dentro das comunidades quanto à compreensão mítica do judaísmo e de Israel frente ao “Israel real”. Começa-se a observar, então, manifestações de antisemitismo, que provocam reações nas comunidades que contam com fiéis judeus seguidores do pentecostalismo brasileiro em Israel.

É interessante notar que as reações são contraditórias. De um lado, o desenvolvimento das igrejas aponta para um parcial apoio do Estado, mas, de outro lado, elas devem seguir diversas regras impostas pelo Estado durante seus processos de estabelecimento. A incompleta adaptação dos fiéis em Israel aponta para os limites dos signos multiculturais na sociedade israelense, podendo-se concluir que, numa sociedade “etnonacional”, nem uma identidade política nem uma identidade religiosa garantem uma adaptação completa.

Outro ponto importante na pesquisa foi o processo de “dupla conversão” que ocorre no movimento. A compreensão do “Povo Escolhido” também é encontrada entre os fiéis, não somente restrito ao caráter religioso, mas também à brasilidade. Essa dupla conversão é verdadeiramente presente através da adoção de elementos culturais brasileiros. Durante o processo de se tornar um fiel do pentecostalismo brasileiro em Israel, o recém-convertido é convertido ao “brasilianismo”. As representações de Deus se transformam em dimensões brasileiras, as datas comemorativas se ligam às perspectivas brasileiras e, é claro, Satã (uma personagem muito presente nas igrejas pentecostais) também é brasileiro.

Finalmente, deve-se lembrar mais um ponto. A análise da atuação do pentecostalismo brasileiro em Israel faz possível a condução de um estudo sobre a institucionalização religiosa. É importante perceber que os processos externos de institucionalização in-

fluenciam o desenvolvimento interno de tais igrejas. Existe uma clara mudança da fase carismática para o estágio institucionalizado nas igrejas brasileiras.

No início do desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro em Israel, diversos de seus líderes eram judeus brasileiros convertidos. Na segunda fase, houve diversos confrontos entre os representantes oficiais e estes convertidos. Durante o terceiro estágio de desenvolvimento, a institucionalização foi completada. Agora, membros oficiais controlam as comunidades e os primeiros líderes (judeus brasileiros convertidos) foram contidos na estrutura ou expulsos sob a acusação de conluio com o Diabo. O entendimento dos estágios de desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro em Israel pode ser considerado uma importante contribuição para os estudos do desenvolvimento religioso.

NOTAS

1 O título original deste artigo – *God and the Satan in Holy Land* – é uma referência ao clássico filme dirigido por Gláuber Rocha no ano de 1964. Ao trocar, também em português, a expressão “do Sol” para “Terra Santa”, pretendia-se mencionar a procura mística e espiritual de pentecostais brasileiros na Terra Santa, o Estado de Israel. Este artigo, com modificações feitas posteriormente, é parte da dissertação de mestrado do autor, defendida na Universidade de Hebraica de Jerusalém (GHERMAN, 2008).

2 Como exemplo de tais elementos modernizadores está a Teologia da Prosperidade. A Teologia da Prosperidade teve sua origem na década de 1940 nos Estados Unidos, apesar de ter se consolidado no meio evangélico a partir da década de 1970. Tal teologia traz um forte cunho de autoajuda e valorização do indivíduo, agregando crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé através da confissão da “Palavra” em voz alta. Na dinâmica da Teologia da Prosperidade, trocas diárias com ganhos e perdas vão ser efetivadas a partir do modelo de lucro e investimento das grandes empresas. No Brasil, a Igreja Universal baseia na Teologia

da Prosperidade suas práticas cotidianas, nas quais Deus e o Fiel fazem parte de um jogo econômico e têm funções específicas. Enquanto o primeiro investe para ganhar, o segundo dá recompensas ou punições de acordo com o tamanho do investimento ou das habilidades do investidor.

3 Na pesquisa que deu origem a este artigo utilizei dois métodos complementares de chegada ao campo: a observação participante e entrevistas com frequentadores das igrejas a partir da proposta de trajetória de vida. Meu período de observação participativa foi de dois anos. Como via de regra, eu estive presente em cultos nas igrejas semanalmente, duas vezes em cada uma delas. Somente frequentava os cultos, pois nunca cheguei a ser convidado para as atividades sociais das igrejas. Entrevistei ao total 20 pessoas, sendo 10 membros de cada Igreja, utilizando como referência o método de trajetória de vida.

Cambridge: Polity, 1996.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

ORO, Ari. "A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus". *Estudos Avançados*, São Paulo vol. 18, n. 52, p. 139-155, dez. 2004.

RAMAGEM, Sonia. "Jews as perceived by neo Evangelicals in Brazil" in *Judaica Latino Americana*, Jerusalém: Universidad Hebraica, 2001.

SWENSON, Donald. *Society, spirituality and the sacred: a social scientific introduction*. Peterborough, Ontario: Broadview Press, 1999.

REFERÊNCIAS

ARIEL, Yaakov. *Philosemites or antisemites?: Evangelical Christian attitudes toward Jews, Judaism, and the State of Israel*. Jerusalém: SICSA, Acta n. 20, 2002. 49 p.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOTELHO, Isaura. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. *São Paulo em Perspectiva*, Revista da Fundação SEADE, vol. 15, n. 2, p. 73-83, 2001.

FRESTON, Paul Charles. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GHERMAN, Michel. *God and Satan in the Holy Land: Brazilian Pentecostalism in Israel*. M.A. dissertation, Jerusalem: The Hebrew University of Jerusalem, Department of Sociology and Anthropology, 2008.

KEMP Andrea; RAIJMAN, Rebecca. "Christian Zionists in the Holy Land: Evangelical churches, labor migrants and the Jewish State". *Identities: Global Studies In Culture and Power*, 10, p. 295-318, 2003.

LEHMANN, David. *Struggle for the spirit: religious transformation and popular culture in Brazil and Latin America*.